

O Estado é mais negro do que se diz

FOTOS: CARLA OSÓRIO/DIVULGAÇÃO

“Negros do Espírito Santo”, com lançamento hoje, tira a limpo a identidade capixaba

SANDRA DANIEL



O Espírito Santo não é tão branco quanto se pinta. Foi a esta conclusão que historiadora Leonor de Araujo Santanna e as jornalistas Carla Osório e Adriana Bravin chegaram após quatro anos de pesquisa.

O resultado do trabalho está em “Negros do Espírito Santo”, que tem lançamento hoje e está chegando às livrarias. A começar pelo título, a obra é uma reafirmação da identidade do negro na formação social, política, econômica e cultural do Estado.

As autoras denunciam o embranquecimento forçado pelo qual o Espírito Santo passou nos últimos anos. Para isto, citam dados do pesquisador Cleber Maciel, para quem o Estado tinha 65% de negros em 1994 e havia somado à porcentagem



de pardos o contingente de negros que aparecem nas estatísticas).

Os resultados da Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílios (PNAD), realizada em 1998, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mostram que 50,4% da população capixaba é parda (pardos são mulatos, caboclos, cafuzos, mamelucos ou pessoa de qualquer cor resultante da presença do elemento negro). Os pretos são 5% e os brancos, 44%.

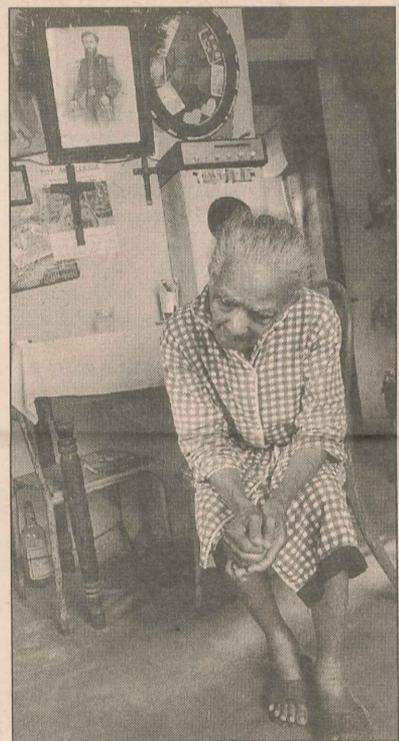
Em 1997, o PNAD mostrou números bem diversos: 54% de brancos, 39,5% de pardos e 5% de negros. Para o IBGE, os pardos “aumentaram” porque as pessoas estão assumindo sua cor verdadeira.

As autoras defendem a tese de que o negro não deixou suas marcas apenas na cultura capixaba (o que, por si só, já seria uma contribuição e tanto), mas que os escravos e seus descendentes foram fundamentais em todas as etapas da economia local.

“Negro não é só cultura. O Espírito Santo não começou no século 19, com a chegada dos imigrantes europeus. Os negros já estavam aqui desde o século 16 e deram início ao cultivo de mandioca, cana-de-açúcar e café”, explica a fotógrafa Carla Osório, responsável pelas 56 fotos em preto-e-branco que recheiam o livro.

A obra, que tem prefácio de Bernadette Lyra, foi dividida em duas partes distintas: na primeira, Leonor Araujo faz um relato histórico com base em documentos sobre a presença do negro do Estado; na segunda parte, há a reportagem propriamente dita, com entrevistas e o relato das visitas que as autoras fizeram a várias localidades.

As autoras percorreram diversas regiões onde a presença do negro é notadamente importante. Foram escolhidos São Mateus e Conceição da Barra, no Norte; Vitória, Serra e



Santa Leopoldina, na região central; e Presidente Kennedy e Cachoeiro de Itapemirim, no Sul.

O livro, segundo elas, tem uma proposta didática: além das fotos, há mapas e dados que ajudam a esclarecer fatos relativos à presença de africanos e descendentes. Além disso, a obra faz revelações importantes.

Pouca gente sabe, por exemplo, que existe uma presença negra muito importante no Sul do Estado – e não apenas no Norte, como se acreditava.

Boa parte dos negros capixabas são descendentes de povos bantos, que foram trazidos da região sudoeste da África (onde hoje estão países como Angola e Moçambique). É dos bantos, por exemplo, a herança do Ticumbi – uma das principais manifestações folclóricas do Estado. Os sudaneses também chegaram em grande número.

Chama a atenção, na parte jornalística, o registro da história de vida de personalidades que são, provavelmente, o último registro da escravidão no Estado.

Um exemplo é Seu Antero Domingos, figura lendária na Vila de Itaúnas e guardião do ritual do Ticumbi do Bongado. Morreu em novembro do ano passado, depois de contar muitas histórias às jornalistas.

• **SERVIÇO** – “Negros do Espírito Santo” (Escrituras, 126 páginas, 56 fotos p&b, R\$ 30,00), de Carla Osório, Adriana Bravin e Leonor de Araujo Santanna. Lançamento hoje, às 19 horas, na nova sede da Adufes (campus da Ufes, em Goiabeiras).

